

LAGRIMA

QUINZENARIO ILLUSTRADO

JOSÉ FRANCISCO DA SILVA ESTEVES

É natural de Goios, freguezia d'este concelho.

Como principal redactor da «Lagrima», durante alguns annos, e como uma das individualidades mais salientes no nosso pequeno meio litterario, ha muito que tinha jus á publicação do seu retrato.

O nosso quinzenario de velle, reconhecido, magnificas chronicas, assignadas com o pseudonymo de Z. Saramago, e *suetos* d'uma graça empolgante.

Poucos conhecemos que se lhe avantagem, ahi, na exploração do riso publico.

Em quatro, cinco, seis linhas, produz-nos a gargalhada franca.

Todos ahi estão lembrados da campanha ridenda que fez aos dandys da nossa villa.

O seu estylo é facil.

Brinca com o portuguez.

Vê-se n'isso, e em muitas mais coisas, a supremacia da educação jesuitica, que recebeu, juntamente com o bispo de Himeria, no Sernache do Boujardim.

Aborda a varios assumptos com arte e recursos.

Tem versos magnificos.

Publicou dois livros: «Missões ultramarinas» e a «Questão dos Jesuitas».

O nosso eminente critico Silva Pinto escreveu sobre o seu ultimo trabalho o seguinte:

«Um livro que se enfileira com honra na vastissima bibliographia da controversia jesuitica. Condensa aturado estudo o, ao parecer, muita sinceridade. Diz-me o auctor—«que eu não commungo nas suas idéas e que, todavia, deseja a minha critica.» Faz justiça á sinceridade com que eu respeito crenças e trabalho dos outros. O que eu desadôro é a declamação dos alarves, ou a petulancia grotesca dos especuladores.



O ANTIGO REDACTOR DA «LAGRIMA».

Não tenho que reformar o meu voto, já antigo, sobre a materia em discussão. Algures lhe consagrei dezenas de paginas—tão sinceras como julgo serem as do auctor do livro («Os Jesuitas», ao bispo Americo. 1877.)

Ouvimos, a opinião, particular, do grande polemista Senna Freitas, honrosa para o nosso ex-collega.

Foi redactor do «Jornal de Barcellos», que fundou, da «Gazeta do Povo», do «Tirocinio», da «Folha da Manhã» e da «Portugueza».

Tem collaborado nos mais importantes jornaes e revistas do paiz.

Levantou, digna e superiormente, uma campanha contra a demolição, insensata e vergonhosa, das ruinas do edificio das Torres, que tanto está preso á historia portugueza.

Silva Esteves escreve com facilidade pasmosa.

A' ultima hora, em cima d'uma caixa de typo, a pé, puxando fumo ao cachimbo que lhe combustiona um tabaco especifico, enche tiras, successivas, de papel.

E, é para notar, subordina o *escripto* ao espaço exigido, sem o prejudicar.

Ao mesmo tempo que é um litterato de merito é um lavrador excellente.

A sua quinta de St.ª Eugenia serve de estudo aos agricultores do concelho.

Consagra aos assumptos agricolas o melhor do seu tempo, com muitissima paixão.

...E, é lá na aldeia, isolado como Hercules, que elle se entrega á arte de escrever, folgado de espirito, fitando ao longe o seu poetico Barcellos com as suas formosas perspectivas.

Para darmos o typo, completo, de S. Esteves lembramos os trabalhos que se seguem, que topamos no meio de muitos outros, na «Lagrima»:

A LAGRIMA

No patriotismo:

«Os grandes ideaes sahem de grandes cerebros. On-le os inuteis tem gêsso, os grandes homens teem a encephalidade dos ideaes côr d'aurora e côr do ceu.

Rutila-lhes o cerebro a Virtude, e lumina-lhes a Alma o Amor da Patria.

Ao conselheiro José Novaes presta a «Lagrima» a homenagem d'um Crente que vae a Méca beijar o pé do grande Propheta.

Porque, longe agora da sua terra, n'ella pode fazer Milagres.

E um d'elles, suggestivo e altisonante, seria a creação d'um curso de portuguez, francez e escripturação commercial.

Barcellos crê.

E o seu illustre filho—pôde.

No estylo brincado:

Quando tu passas, evola-se dos teus labios e volatiza-se dos teus olhos a magnolia albente do subjectivismo passionante.

Porque tens nos labios o perfume quente das noivas Ilaeas, e nos olhos a languidez meliflua das Freiras enclausuradas.

Quando tu passas, noiva Ideal, Hostia sacratissima que eu commungaria, como um sacerdote catholico, todas as manhãs, ha no meu espirito to a Sombra da Clausura, enveuada dos arrebôes da Liberdade.

Porque, assim como um nenuphar caricioso abre as petalas emaciadas para o fualo d'um lago, assim tu abres os olhos para o grande lago da Via Lactea azul, banho de Sonho, tepida aragem estrellifera, on-le os cherubins do Missal Biblico entoam hymnos da tua voz, que se casa, n'uma toada santissima, com as vozes dos archanjos e com o psalterio dos prophetas.

Quando tu passas, branca e suave, suavissima e branca, a minha alma roja-se a teus Pés, como um crente se roja ás santalias do Papa, na Basilica de S. Pedro.

E como esse Velhinho de marmore tem o pé carcomido de bilôes de bijos de christãos, eu queria delir todo o teu pé pequenino, entre os meus labios, n'uma caricia de ósculos, que fosse a eterna caricia do nosso Amôr.

Nos suellos:

Lê-se, em letras gordas, á porta da quinta de Curvos, na freguezia de Durrães d'este concelho: «As bideiras foram sulafatadas e quem comer d'ellas morre.»

Não morre nada. Quem pode morrer é o auctor da tavoleta por ser muito brutinho, graças a Deus.

¿Pois, se elle sabe que ellas matam, para que as sulafatou? Se é para lh'as não comerem, é me-

lhor dizer que estão excommungadas pelo reitor.

E' uma asneira. Mas as asneiras dos padres tem mais valor.

Entre aprendizes de muzien, n'uma casa de ensaio virada ao rio:

—«Em que clave tocas?»

—«Em clarinete.»

—«Que nota é esta?»

—«Cês hemoes.»

E' d'esta massa que se fazem os Rossini, e os grandes maestros.

Mas é preciso ter mais massa no cerebro.

Não é só massa no corpo.

No sentimento (d'uma chronica publicada ao apparecimento d'uma creança no rio Cavado):

Mães: isto é convoseo. Quem atirou ao rio esse pedaço d'alma, beijo d'aurora, radiação de luz, sentimento e sentimentalidade, esse pequenino ser, que era o fructo d'um amor, que era o proprio Amôr? A mãe seria sabedora d'isso? A mãe consentiria que essa innocente creança, alma da sua alma, coração do seu coração, lhe fosse arrancada do leite, de entre as mãos, erispadas ainda das dores da «delivrance», dores que são alegrias, alegrias que são prazer infinito quando ouvem o vagido do filhinho recém-nascido, consentiria que lh'o roubassem ás caricias do olhar anuviado de lagrimas, á doçura do collo, á elasticidade dos braços, á marmorea brancura do seio, ao beijo infinito dos mamillos?

Oh! A mãe não devia consentir tal. Não podia mesmo consentir o, porque toria de arrostar contra as leis naturaes. Ainda que grande criminosa, era mãe. E as mães, desde a panthera e desde a loba, até a hyena e á mais requintada feliuidade, todas aconchegam os filhos ao seio uber-rimo de leite, e os cobrem, e os defendem da morte.

No verso:

Quem pode haver n'esta agonia lenta,
n'est'a cadeia immensa de martyrios,
a alma côr de chumbo, n'uns delirios
i. d'imos, d'uma d'ôr sempre tormentu:

quem pode, n'esta lueta incruenta,
a vida prociissão de tristes cyrios,
amuros, amarissimos celyrios,
que o i inferno applica á alma fosforeu x;

quem pode, n'este mar atroz de d'ões,
lago immenso de turgidos pallôres,
inflaia lagôa de saudade,

—ter uma esperanza, um só clarão divi v,
vaga vagueante d'esse mar ondino.
se o mar é a D'ôr, e a D'ôr a Realidade!

A LAGRIMA

Um galucho entra no estabelecimento do Joaquim Vinagre.

—Aqui é que é a loja onde se vende vinagre?

—Porque?

—Quero tres metros d'esta fazenda.

Qualquer dia vae ao estabelecimento do Domingos Maria de Carvalho, e pergunta-lhe:

—Faz favor de me dizer se estou no inferno?

Na loja do Pinto, commerciante, o visinho Leituga sustentou que a maneira, unica, de conservar o queijo seria mettel-o n'uma salgadeira.

...Para se não corromper talvez com acido phenico...

Que diabo vem a ser pescada de peixe?

...Ha cada Miguel Lemos com mais grammatica de escabeche...

Na epocha presente, é quasi impossivel fallar-se ou escrever-se sem que a Politica metta o seu belzelho. «A Lagrima» não gosta d'essa senhora, e, todavia, porque ella, a Politica, é a rainha da occasião, a «Lagrima», mau grado seu, vê-se forçada a fazer-lhe referencias.

Assim é que, no ultimo domingo, entre um grupo de individuos, apoz a leitura do «Commercio de Barcellos», foram commentados os escriptos d'este.

Diziam uns:—«Este jornal não parece o mesmo! Ainda não vae longe que teve ao lado o barrete phrygio e agora vê-se-lhe distinctamente o barrete de clerigo!»

—«Conveniencias, conveniencias, diziam outros. Onde entrar a Politica ha sempre d'estas incoherencias.»

—«O que vocês não sabem, disse um outro, é que corre como certo que, para se fazer passar como genuinamente catholica a candidatura do sr. bispo de Himeria, alguem lembrou aos redactores do «Commercio» o usarem barrete, capa e batina!»

—«Ora os habitos de clerigo já elles usam ha muito!... E vestiriam até os do proprio Diabo se com isso conseguissem vencer a eleição!»

—«E vocês, disse um progressista do lado, são capazes de solicitar grans-cruzes de S. Gregorio Magano para cada eleitor que lhes dê o voto!...»

Que pandegos! A Politica em ponto de rebuçado, pois não está?

Vae uma pessoa muito socogada, rua fora o mergulhada na escuridão da noite, conversando com os seus botões sobre as probabilidades que

ambos os candidatos a deputado tem de vencer, quando saracoteando-se todo passa por nós um individuo que, pela velocidade do andar e pelo baloiçar dos braços, os nossos olhos nos disseram ser o Joaquim Martins, o querido das filhas honestas de Barcellos, graças aos trínados da sua bandurra, que dedilha com uma vocação e fino gosto, poucas vezes visto.

O tal individuo pira, e a uma janella assoma a cabeça d'uma Dulceina que, em voz pouco amorosa, o recche com esta pergunta:

—«Ainda agora vens?»

Elle, todo lanchea e em tom de assucar macavado, imitando os gemidos que faz vibrar na bandurra, responde.

—«Não, já aqui estive por tres vezes, e até da ultima desloquei o coração!»

Isto de *deslocar o coração* parece tolice, e não é, porque ainda ha poucos dias vimos um homem que, n'outros tempos, teve uma pneumonia dupla nas barrigas das pernas, e pode ser que o sr. Martins, pertença a este genero de abortos. Caprichos da natureza!

Era d'uma vez uns individuos que resolveram ir a Braga para ver representar *A Doutora*, opereta(?) que faz escangalhar a gente a rir. No comboio, um começou a contar as suas aventuras da primeira vez que foi a Lisboa, onde le passou tanta fome que até comeu ameixas com carozo e tudo, e tão entretidos iam, e tanto chiste achavam ás peripecias d'um provincialo na capital, que em Nive saíram do comboio, e enfiaram pela primeira carruagem que viram.

D'ahi a pouco, estavam a caminho do Porto e... saíram em Gavião. Para não fazerem má figura compraram bilhete para Nive, mas enquanto o *chefre* vestido de mulher foi mugir uma cabra, porque ao sexo barbado não deixa fazer tal operação, e isto é a causa do pobre *chefre* ser altamente troçado á passagem de todos os comboios, envergonhados pela aventura, resolveram vir a pé, lin'ha fóra.

«Quem vae para Braga mula de comboio», diz o empregado em voz fanhosa, mas elles julgaram que mular de carruagem era mandar de comboio... e d'ahi a visita do *chefre* de Gavião.

Não quizeram deixar ficar mal o companheiro do infortunio, o que prova terem bom coração.

Ao contrario do que se diz, a «Lagrima» não termina a sua publicação.

Não pode, apenas, sahir regularmente.

Responsavel:—João G. da Silva.
Typographia Barcelleense

A LAGRIMA

NOTAS DA QUINZENA

A politica tem-se assenboreado da pacata villa de Barcellos, ella que até aqui só tinha as palavras de honra e sinceridades do Domingos de Figueiredo, as gargalhadas trombonicas do João Maciel e as dynamiticas do Coelho Goncaes.

A politica é como o mar: tem as suas calmarias e as suas agitações.

...E mar com *polvos* covardes e *bandalhos* de grande monta...

...Que montados serão os mais fracos, para regalo dos fortes...

No meio d'esta parvalheirice de ditos, o que mais tem enclido o olho á gente, é a profissão de catholicos ferrenhos feita pelas hostes agueridas.

Uma, cahe de joelhos diante do bispo o—«maior do mundo», o «africanista emerito»; outra cahe de joelhos diante do conselheiro—«o querido do Papa», o «Gregorio-Magano», o «theologo asombroso».

E no meio de tudo isto vae a gente ver no assento do prior que nenhum dos *galopins*, mais *avesos* que um *pavio* na Semana Santa, se confessa ha muitos annos.

Uns, despem a sobrecasaca e luvas e saltam desabotoados e descalços para o meio da imprensa jogar o sôco com o mais agallegado jornalista; outros, perfumam-se e esmerem—que o candidato X ou Y é a pomba do Divino Espirito-Santo, branca como *gis*, que vem sobre nós salvar-nos, com as azinhas abortas, trazendo no seu luzentissimo bico, o raminho de oliveira da esperanza consoladora.

Nós só queriamos ouvir a opinião actual do Manuel Russo, republicano-génima, que na ascenção dos progressistas pedia, na nossa presença, encarecidamente, ao dr. José Ramos, que o deixasse fallar ao povo da sacada da sua casa.

O Maneca tem d'estas cousas: está sempre com todos na victoria, porque não gosta de ver ninguém triste: é um coração que se dá na alegria, como os tomates no sal).

O Eduardo Ramos tem raios, sarrabiscos, saravadas, serrabulhos, serrazinas, para os regeneradores.

O dr. João Novaes tem imaginações febris: paus no ar, pontas ao peito, á cabeça, e traí sporta-se, assim, aos tempos de Coimbra, em que o seu varapau minhoto fez mais prodigios que actualmente a espada de Pini.

Ha ahí menino t'o ferrenho pelo bispo, que já se lembrou de pintar de preto o Manuel da Graça, ornar-lhe a cabeça com as empavezadas pennas do seu talento, agolar-lhe as ventas e orelhas, e, assim selvagem, fazel-o dançar um batuque diante do Venerando Prelado.

Dizia n'outro dia o dr. Fontes, que está cada

vez mais bonito: «o Bispo vence porque tem o *diabo* por elle.»

O diabo no corpo tem aquelles que provem ser o D. Antonio deputado progressista.

¿E tambem o não terão os que dizem ser catholicos?

...Não fallando nos que affirmaram ser independente...

A nossa opinião:

S. ex.^a rev.m.^a é simplesmente um grande homem: que muitas vezes se julgará transportado aos centros da Africa no meio de Gungunhanas.

Bananas tem v. ex.^a rev.m.^a muitas em ambas as facções politicas.

Soucasaux, lagrima.

A n'a não passam muitos dias que o tempo era um carangueijo, e o Saragoçano o diabo em pessoa. Fazia sol quando devia arrasar-se tudo com chuva, e esta vinha quando entravamos na primavera, como se estivéssemos no pino do inverno. Ainda se a chuva visse só, vá lá, mas não, era com toda a sua comitiva de furiosos vendavaes, frio de rachar, trovões, e tudo o mais que conorre em tão aborrecida cousa. E se é triste fallar-se de tempo invernos, é de fazer chorar as pedras quando succedem desastres que molestan directamente as pessoas, ou offendem as economias domesticas. Assim, o coração retalha-se-nos de pesar e dôr ao noticiar que o sr. padre Francisco tolo impavido, atravessava a ponte para Barcellinhos, arrostando a impetuosidade do vento com a coragem dos antigos cruzados, e n'um abrir e fechar d'olhos o seu chapéu de forças, cortando o espaço, vae mergulhar nas aguas do Cavallo.

Hão de concordar que o tal vento é muito atrevido. Para elle não ha idade, nem sexos, nem posição social. A qualquer preza uma partida, e deixal-o ir que é o melhor. O que lhe vale é estarmos em epocha de magro e de penitencia, senão...

Já esquecia dizer. O chapéu foi apanhado no engenho onde o Lapuz apanhava as lampreias.

Ha quem affirme que o Manuel da Graça, no caso de derrota do seu querido bispo vae fazer uma *rectificação* ás carias que de Vianna tem enviado para as nossas folhas progressistas.

O Graça o que fará é uma *ratificação*, para ser coherente.

E coherente foi elle sempre, já quando republicano e já quando regenerador. E hade sê e agora com os progressistas, catholicos e com todos que elle defendia; porque dedicado é elle como ninguém.

Deixem lá, pois, as *rectificações*, o Graça e as *ratificações*, que a «Lagrima» cá está para o defender.